

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL- JORNALISMO

ANA BEATRIZ SANTOS IBIAPINO

FORÇA, SUPERAÇÃO, RENÚNCIA:
MULHERES MARANHENSES QUE SE DESTACAM NOS ESPORTES

Imperatriz-MA

2022

ANA BEATRIZ SANTOS IBIAPINO

**FORÇA, SUPERAÇÃO, RENÚNCIA:
MULHERES MARANHENSES QUE SE DESTACAM NOS ESPORTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (CCSST)-UFMA, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. Orientador: Prof. Dr. Alexandre Maciel.

Imperatriz-MA

2022

ANA BEATRIZ SANTOS IBIAPINO

**FORÇA, SUPERAÇÃO, RENÚNCIA:
MULHERES MARANHENSES QUE SE DESTACAM NOS ESPORTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Maranhão como requisito básico para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social / Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientador/a:

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel (Orientador)

Profa. Dra Luciana Reino (Examinadora)

Profa. Dra Marcelli Alves (Examinadora)

Imperatriz-MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

SANTOS IBIAPINO, ANA BEATRIZ.

FORÇA, SUPERAÇÃO, RENÚNCIA: MULHERES MARANHENSES QUE SE
DESTACAM NOS ESPORTES / ANA BEATRIZ SANTOS IBIAPINO. -
2022.

42 p.

Orientador(a): ALEXANDRE ZARATE MACIEL.

Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade
Federal do Maranhão, UFMA-IMPERATRIZ-MA, 2022.

1. MULHERES NO ESPORTE. 2. PERFIS. 3. REPORTAGEM
LONGFORM. I. ZARATE MACIEL, ALEXANDRE. II. Título.

Dedico este trabalho aos meus pais, avós, tios e meus irmãos, por me apoiarem e confiarem nos meus sonhos e objetivos.

AGRADECIMENTOS

A palavra com certeza é gratidão, pois a graduação é um caminho bastante difícil, desafiador e cheio de obstáculos ao longo dos quatro anos. No começo é aquele encantamento total, por realizar um sonho de cursar o Ensino Superior, viver o novo. Mas, ao longo do percurso, às vezes sofremos bastante com uma disciplina, ou assunto que inicialmente não entra na cabeça. Embora existam essas situações, reflito sobre o quanto foi importante esse tempo acadêmico: trouxe maturidade, novos desafios, amizades que quero levar para a vida, pautas e trabalhos em grupos super divertidos.

Sem dúvida, o curso de Comunicação Social-Jornalismo é uma das experiências mais lindas e emocionantes da minha vida. Hoje, saio com uma nova visão de mundo, da profissão e das pessoas. Agradeço primeiramente a Deus, por nunca deixar eu desistir. À minha mãe, Eliane, que segurou minha mão e nunca soltou. Ao meu pai, Josevaldo, que se orgulha da minha escolha de profissão. À minha tia Neném, que me apoia desde sempre. À minha amiga da faculdade Brenda, que se tornou uma peça fundamental na minha vida acadêmica desde os trabalhos, choros e risos. Aos meus avós Eliza, Maria Ibiapino e Raimundo Everson, que já se foram, dedico esta graduação, pois foram a minha base de força, coragem, amor e determinação para chegar até aqui.

Aos meus tios Edinei, José Paulino, Francildo e Tio Neném, por todo apoio, também sou grata. Meus amigos da faculdade André, Valéria, Andréia, Maíra e Monik, pela parceria e ajuda. Aos meus primos, Victor, Milena, Sofia, Gabriela, Thácia e Mayres, por sempre me motivarem. Ao meu padrasto Josimar, que é como um pai, e aos meus irmãos André, Bianka, Jovana e Ana Klara. E à minha mais nova paixão, minha sobrinha Maria Alice. Às minhas primas Ariany, Myrelle e Maria Vitória, também estendo minha gratidão. Não posso esquecer de agradecer às minhas amigas Julyana, Ismael, Lyzandra, Dediane e Karla. Essa conquista eu dedico a todas vocês, obrigada.

Todas essas pessoas contribuíram de alguma forma para eu estar onde estou hoje, mas sem Deus e elas em minha caminhada nada disso seria possível. De coração, muito obrigada por acreditarem nos meus sonhos, participarem e se doarem comigo. Considero todos parte da minha família.

Também quero agradecer às minhas fontes entrevistadas, que foram de suma importância na construção do especial. Ao meu professor e orientador maravilhoso, Alexandre Maciel, obrigada pela paciência, por toda ajuda e parceria. O senhor é um grande mestre e espelho de ser humano para mim.

E dedico também ao meu time de coração, Flamengo, pois foi a partir do amor por futebol, por estar sempre acompanhando a equipe rubro-negra, é que o tema foi desenvolvido. A caminhada foi longa, às vezes difícil, mas foi a mais especial. Gratidão aos professores da UFMA, e a Deus e à minha família por este momento tão sonhado, e que está chegando em uma reta final.

RESUMO

Este trabalho relata o processo de produção da reportagem *longform* para internet, “Força, superação, renúncia: Mulheres maranhenses que se destacam nos esportes”, que objetiva trazer um recorte da trajetória de cinco atletas do estado que atuam em modalidades diferentes. A partir de um especial, são apresentados os perfis humanizados de esportistas do handebol, basquete, jiu-jitsu, futebol e arbitragem, além da opinião das federações sobre a participação feminina no universo esportivo. Os depoimentos e trajetórias de vida das atletas colocam em evidência temas enraizados e preconceitos socialmente retrógrados, principalmente o machismo estrutural, que ainda contaminam muitos esportes. O trabalho teve a missão de cumprir o dever jornalístico de narrar de forma humanizada um tema social e fundamental para a sociedade, principalmente para as mulheres. Também concluiu a proposta técnica com o resultado de uma grande reportagem focada em perfis individuais, que podem trazer inspiração para novas esportistas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Esportes; Maranhão, Jornalismo; Perfis.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	09
2- METODOLOGIA.....	12
3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
3.1 Estereótipos contra a mulher nos esportes.....	14
3.2 Reportagem e perfil.....	16
3.3 Jornalismo online.....	18
4- BASTIDORES DA PRODUÇÃO.....	21
5- ESTRUTURA DO PRODUTO.....	26
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
7- REFERÊNCIAS.....	32
8. ANEXOS (Perguntas para as atletas).....	34

1-INTRODUÇÃO

O fato de o esporte moderno ter se consolidado em um passado marcado por desigualdades e carregado de valores masculinos, influencia na menor participação das mulheres na prática esportiva. Desde a Grécia Antiga, acreditava-se que o envolvimento da mulher no esporte a faria ganhar traços masculinos, entre outros mitos misóginos.

No Brasil, o Decreto-lei 3.199, de 14 de abril de 1941, estabelecido pelo Conselho Nacional de Desportos, vetava a participação de mulheres em esportes de alto rendimento, por considerá-los “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Mesmo tendo vigorado até 1983, a proibição foi sendo quebrada por atos de resistência das esportistas, mas prejudicou bastante o crescimento das modalidades femininas.

Na concepção de Freitas (2002), a mulher pós-moderna quebra severas restrições impostas por antigos paradigmas e ganha cada vez mais espaço em uma sociedade predominantemente calcada em valores masculinos. Impressões equivocadas advindas de outras épocas, em que as mulheres eram vencidas pelo cansaço das atividades domésticas, como cozinhar, lavar, passar e cuidar dos filhos, porém desconsideradas quando se levava em conta a prática das competições esportivas. Adelman (2003) reforça que, desde a História Antiga, as mulheres sempre foram subjugadas no que diz respeito aos seus direitos de participação no cenário esportivo.

A participação feminina só se acentuou com os processos de globalização do mundo esportivo, como a institucionalização mais comum da participação das atletas em modalidades aquáticas ou terrestres. Os esportes passaram a vivenciar, neste novo cenário, ações mais humanizadas, como o choro, o grito, o vibrar em grupo, a garra e sororidade, a emoção ao conquistar um título e a delicadeza dos traços característicos do feminino.

O esporte não pode ser visto apenas como uma possibilidade de movimentação do corpo ou de condicionamento físico, mas também pelas perspectivas das condições físicas e psicológicas dos atletas, além dos valores sociais construídos ao longo da trajetória de cada um. Para Helal (1990), as atividades esportivas são um fenômeno universal e, também, um modelo de

realidade social, principalmente quando se especula as perspectivas de ascensão econômica.

E por ser um campo vasto sobre a história e cultura da humanidade e dos gêneros, escolhi o esporte para retratar, em formato de especial *longform*, a trajetória de cinco mulheres do Maranhão que se destacam em diferentes modalidades. São atletas que sempre buscaram superar seus limites psicológicos, de força e de resistência, a partir da determinação para inserir-se e ganhar espaços nas práticas escolhidas por cada uma.

O presente trabalho pretende, portanto, apresentar de forma humanizada a história de cinco mulheres maranhenses que atuam nos esportes. Para tanto, foram feitas entrevistas jornalísticas detalhadas com cada profissional, em diferentes modalidades esportivas. O resultado, cujos bastidores são detalhados neste relatório, foi a elaboração de cinco perfis das seguintes esportistas: Ana Paula, do handebol; Andressa Raquel, do jiu-jitsu; Iziane Castro, do basquete; Janyelle Almeida, do futebol; e, no campo da arbitragem, Adriana Oliveira, todas com trajetória de sucesso. Embora tenha tentado várias vezes entrevistar a “fadinha” Rayssa Leal, medalha de prata no skate *street park* nas Olimpíadas 2020, a agenda dela estava lotada, o que impediu que esse encontro acontecesse.

A ideia de abordar esse tema surgiu de uma relação pessoal minha. Desde criança, sempre fui apaixonada por esportes, principalmente o futebol. Eu lembro que, na minha casa, meu avô, meu pai, e meu tio passavam o dia assistindo futebol, e eu ficava de longe, observando. E de tanto que era rotineiro o consumo de esporte no meu lar, comecei a gostar de assistir, comentar e a jogar. Mas na minha cabeça, quando eu tinha 11 anos, sempre vinha um questionamento: “Por que a Marta era tão boa jogadora de futebol e não era valorizada?”

Quando fui aprovada na graduação de Comunicação Social-Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz, pensei: “Agora que me transformo em uma jornalista esportiva e correspondente internacional”. Chamava atenção no meu imaginário, principalmente, o jornalismo esportivo televisivo, muito focado no futebol.

A partir do meu interesse pessoal e acompanhando de perto os esportes, sobretudo o futebol, dentro e fora de campo, no segundo ano da graduação eu

e mais dois colegas fizemos um artigo para a disciplina de Metodologia Científica, sob orientação da professora Michelly Carvalho. O tema foi justamente a presença feminina no telejornalismo esportivo em canais abertos e fechados da TV brasileira, entre 2018 e 2019. Percebi, então, a necessidade de dar voz para essas mulheres, que cada vez mais aderem a diferentes esportes no Maranhão.

A reportagem *longform* que acompanha este relatório científico retrata a trajetória de cada uma das personagens escolhidas, em forma de perfis jornalísticos específicos. Os depoimentos apresentam as dificuldades, lutas e as conquistas das entrevistadas para ganhar espaço em modalidades como futebol, arbitragem, jiu-jitsu, handebol e basquete, sempre ressaltando o lado humano dessas atletas dentro e fora dos campos. Focam também nas problemáticas da falta de apoio de instituições públicas e privadas e da desigualdade salarial em comparação com o sexo masculino.

Portanto, o objetivo do projeto foi o de produzir uma grande reportagem *longform* sobre mulheres maranhenses que atuam nos esportes, contando suas trajetórias em cada modalidade praticada. Também foram realizadas entrevistas com familiares, técnicos e representantes das federações específicas, ilustradas por imagens do arquivo pessoal das fontes.

Para escolher o formato e o recorte da realidade tratado nesta produção, foi necessária uma experiência na produção de peças midiáticas semelhantes. No caso do gênero escolhido, o perfil jornalístico não se prende à cobertura de um fato em si e foi justamente por isso, por não apresentar caráter noticioso, que se apresentou como o formato mais adequado. Também foram úteis as técnicas de reportagem, assimiladas ao longo das matérias práticas do curso de Jornalismo, sempre no sentido de trazer essas histórias relevantes para o espaço público e de interesse coletivo.

2-METODOLOGIA

Na primeira fase foram realizadas as pesquisas bibliográficas sobre o estudo e o formato de reportagem *longform*, além das técnicas de elaboração do perfil jornalístico. Em um segundo momento, a pesquisa documental, investigou-se as dificuldades de as mulheres inserirem-se nos esportes, os tabus sociais, e as conquistas ao longo da carreira dessas atletas no Brasil e no Maranhão. A produção baseou-se nos princípios da apuração, redação e edição jornalísticas.

A pauta da reportagem e dos perfis jornalísticos começou a ser feita em agosto de 2021, com a leitura de matérias em sites na internet, livros e artigos sobre o assunto. Interessou, em primeiro lugar, pesquisar quais esportes as mulheres maranhenses mais se destacavam em termos de Brasil e do mundo. Esta pesquisa foi essencial para compreender quais modalidades esportivas poderiam ser privilegiadas no estudo e, principalmente, escolher os personagens de evidente destaque.

Entre as fontes documentais consultadas está o relatório “Movimento é Vida”, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que apontou indicativos de que o cenário esportivo ainda apresenta muita desigualdade de gênero. Também procurei dados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), bem como nos bancos de informação do Comitê Olímpico Internacional (COI).

De início, em um caráter de pesquisa exploratória, entrevistei uma especialista da Federação Maranhense de Handebol (FMH), a analista de planejamento estratégico e diretora administrativa da Federação Maranhense de Basquete (FMB) do Maranhão, Danielle Éstefane Macedo, além do analista da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e presidente da Comissão de Arbitragem do Maranhão (CAM), Marcelo Bispo Nunes Filho. A atenção foi ampliar a visão sobre o cenário esportivo no Maranhão, obtendo também dados e projeções sobre as atletas femininas. Esses entrevistados representam, justamente, o Maranhão dentro das federações esportivas e têm as suas falas reproduzidas no texto de abertura do site, que antecede a apresentação dos perfis jornalísticos das atletas.

Após realizar as entrevistas com as fontes oficiais, a investigação jornalística teve continuidade, em busca de mulheres maranhenses que atuam

em diferentes modalidades de esportes, com idades entre 17 e 40 anos, procurando abranger personagens iniciantes e consagradas em seus respectivos esportes.

Foram feitas cinco entrevistas, transformadas posteriormente em perfis jornalísticos: Ana Raquel, de 18 anos, atleta de jiu-jitsu; Iziane Castro, 40 anos, ex-atleta de basquetebol; Janyele Almeida, 17 anos, jogadora de futebol; Ana Paula Rodrigues, 34 anos, atleta de handebol e Adriana Oliveira, 26 anos, assistente de arbitragem. Com o reconhecimento do cenário e a definição das fontes oficiais e das mulheres entrevistadas, partiu-se para a elaboração das histórias.

A estrutura definida explora o gênero perfil em cinco histórias diferentes: Perfil da atleta de jiu-jitsu, que iniciou muito cedo; perfil da jogadora de futebol, também em uma etapa de consagração; perfil da ex-atleta de basquete e da atleta de handebol, ambas com carreiras de sucesso dentro e fora do Brasil, e, por fim, perfil da assistente de arbitragem, que vem ganhando espaço ao longo das competições.

Como a produção das entrevistas se deu principalmente no período do auge da pandemia da Covid-19, não foi possível realizá-las de forma presencial. Organizou-se, então, a estrutura para entrevistas online. Com Iziane Castro conversamos via Google Meet. Já as demais entrevistas, perguntas e respostas se deram por WhatsApp, sendo que apenas uma delas ocorreu de forma presencial, com Adriana Oliveira, pelo fato de ela residir em Imperatriz (MA).

3-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Estereótipos contra a mulher nos esportes

Lutas, preconceitos, racismo, julgamentos, assédio e machismo ainda são questões recorrentes no cenário esportivo. Embora exista essa resistência em relação à presença de mulheres negras nas diferentes modalidades no Maranhão, o protagonismo é notório comparada às diversas dificuldades encontradas por elas no cotidiano. Ao mesmo tempo, as mulheres têm buscado enfrentar essa realidade, inserindo-se em contextos antes somente masculinos, houve um avanço no que diz respeito à inserção feminina em várias modalidades de esporte.

Franzini (2005) enfatiza a maneira como os jornalistas e comentaristas negavam o futebol feminino, apoiados na compreensão de que se elas aderissem à rotina esportiva poderiam perder a “posição do lar e de procriadoras de filhos saudáveis”. A mãe, mulher, cuidadora das tarefas de casa, “liberta-se” de tantos estereótipos culturais a elas atribuídos de modo que consegue se inserir, mesmo com dificuldades, no universo de práticas associadas aos homens.

Goellner (1999, p. 40) ressalta que havia uma compreensão segundo a qual esportes como o futebol, handebol e basquete, que exigem contato direto com o adversário, “tiravam a beleza feminina e seus traços de delicadeza”. Tentando desconstruir essa ideia, o autor contra-argumenta que, “para ser bela, há que fazer exercícios físicos, pois a beleza exige movimento. Exige um corpo em movimento”. (GOELLNER, 1999, p. 40).

Assim, podemos afirmar que todo este discurso se sustenta a partir da propagação de uma representação feminina limitada, baseada no corpo e, por consequência, nos estereótipos da beleza idealizada pela sociedade e os julgamentos que foram impostos às mulheres ao longo dos séculos. Na sociedade brasileira patriarcal no século XIX, por exemplo, a mulher exercia o papel de mãe e esposa. Enquanto os meninos cumpriam, naquela época, funções voltadas para a força e a disciplina, as meninas praticavam atividades leves.

3.2. Reportagem e Perfil

Sabemos que não há narrativa para construir uma grande reportagem sem os personagens. No contexto da linguagem jornalística, existem ações para dar voz e descrever as fontes. Este aprofundamento do olhar do repórter a respeito das práticas humanas se configura da melhor forma, no jornalismo, na prática do perfil.

Para Marques de Melo (1985, p. 65), “a reportagem é um relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”. E, portanto, podemos destacar que a profissão buscava, desde a década de 1970, o desejo de recuperar este formato de reconstituição dos fatos, descobrir pessoas além de apresentar o contexto no qual elas vivem. Inclusive, já desde os anos 1950 os cadernos esportivos vinham buscando tornar a sua linguagem mais solta, focando nas trajetórias e histórias humanas dos atletas, sobretudo os de futebol.

O perfil pertence, portanto, ao gênero jornalístico interpretativo, como ressalta Marques de Melo & Assis (2016), sendo elaborado a partir de uma narrativa que foca em momentos específicos da vida de um personagem não-ficcional. Começou a ter destaque no Brasil por volta dos anos 1960, quando já retratava, em jornais e, principalmente, revistas, personalidades de diferentes campos sociais.

Já Sodré e Ferrari (1986) salientam que, entre as principais características do gênero, pode-se ressaltar o destaque à pessoa e a eliminação de um jornalismo majoritariamente informativo, havendo, portanto, mais liberdade para o uso da subjetividade. Portanto, o tipo de entrevista mais indicada para o gênero do perfil jornalístico é aquela conhecida como de profundidade. “É a entrevista que não focaliza um tema particular ou evento, mas a representação do mundo construída pelo personagem” (SILVA, 2009, p. 4).

Vilas-Boas (2003) pondera que os perfis cumprem um papel central de gerar empatia. Ou seja, esse sentimento está ligado à preocupação com o outro, despertada pelo texto jornalístico, que tem como personagem central um ser humano. Dentro do contexto da grande reportagem, pode-se dizer que significa vivenciar a história de um personagem a partir da narrativa

construída em determinada situação.

O autor também aponta a responsabilidade de colocar uma vida em um texto, considerando que o perfilado não é exatamente um modelo em pose. “Sua imagem não pode ser pretendida, portanto, e talvez nem se consiga que ela seja plenamente natural ou espontânea” (VILAS-BOAS, 2003, p. 19). Esses alertas foram importantes no momento de elaborar os perfis para o especial deste trabalho, evitando que despertem uma ideia de histórias de vida inabaláveis.

Quanto à estrutura do perfil, conforme o alerta de Vilas Boas (2003, p.19), ela é diferente da produção textual do jornalismo diário. “A lógica industrial da pirâmide invertida, com leads e sub leads, é inútil em perfil. Informações e percepções não se acomodam em compartimentos estanques”. Basicamente, a estrutura de um perfil jornalístico se caracteriza por não seguir a mesma linha de uma notícia factual. Nesse gênero, o jornalista se esforça para narrar uma história de maneira mais aprofundada e humanizada, sem adotar necessariamente uma ordem cronológica. O foco central das entrevistas, que resultaram no texto final, são as impressões, valores, dramas, alegrias e trajetórias dos personagens.

Edvaldo Lima (2009) entende, por sua vez, que o perfil evidencia o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem. Trata-se, na opinião do autor, de um depoimento reconstituído a partir de acontecimentos ou visão das fontes, ou mesmo histórias que repercutem e se propõe a investigar e contextualizar fatos históricos em geral. Essa citação tem por finalidade trazer uma temática importante dentro do desdobrar de uma narrativa, ao pautar o contexto social.

Muitas vezes o perfil também pode ser apresentado como uma grande reportagem, que vai muito além dos fatos repassados por uma notícia factual. É o caso do trabalho desenvolvido pela revista Piauí, que costuma abordar problemáticas nacionais a partir de longos perfis, ouvindo muitas pessoas. Ou, no campo da televisão, a riqueza de personagens comuns apresentados pelo programa Profissão Repórter, da Rede Globo, comandado pelo jornalista Caco Barcellos. Os temas são investigados em meses de produção, gravação dos conteúdos e com acompanhamento criterioso dos repórteres até irem

finalmente ao ar.

Em programas como esses, se encontram narrativas mais humanizadas e assuntos difíceis de abordar em pouco tempo, que tem espaço nessa outra proposta jornalística. É o caso das pautas de desigualdade social, que fazem com que o jornalista adentre no universo do próprio personagem, na perspectiva das pessoas comuns.

Grandes edições de multimídia e *longform*, por sua vez, costumam apresentar contextos dramáticos dentro e fora do Brasil vivenciados pelas pessoas, além do olhar do repórter, enfoque e produtores audiovisuais e formato mais aprofundado da grande reportagem. Características que, em conjunto, podem ser articuladas no formato online, como é o caso dos especiais do Uol Tab e Metrôpoles.

3.3. Jornalismo online

A reconfiguração do jornalismo online, no Brasil, teve uma evolução lenta pela falta de recursos iniciais das próprias mídias. “A maioria dos sites jornalísticos surgiram como meros reprodutores do conteúdo publicado em papel. Apenas em uma etapa posterior é que começaram a surgir veículos realmente interativos e personalizados” (FERRARI, 2004, p. 23).

Por volta do início do século XXI e, sobretudo, a partir de 2010, porém, o jornalismo online cresceu em grande escala. Hoje é possível acessar diferentes plataformas de mídias e sites em uma mesma aba. Existe uma grande relação entre o hipertexto, “não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também como uma possibilidade na narrativa jornalística de fatos” (MIELNICZUK, 2003, p. 36). Com o uso de ferramentas tecnológicas avançadas, podemos produzir uma grande reportagem multimídia, com elementos visuais, sonoros e textuais.

Da mesma forma, se elaborada com critérios e uma boa equipe, a grande reportagem multimídia pode ser encaixada em uma “nova estrutura”. Agora, muitas vezes, é fruto de uma produção jornalística criativa e com um ambiente amplo para a construção das narrativas, ao exemplificar os perfis e personagens no decorrer da reportagem.

Por exemplo, o repórter da década de 1980, não tinha as mesmas ferramentas da época atual. Hoje este mesmo profissional sai da função de pensar a construção da pauta desde o tamanho do texto, e assumir um novo papel de editar, formatar e inserir a grande reportagem na lógica das ferramentas de edição.

Para Lage (2001), o jornalismo interpretativo consiste em um tipo de informação em que se evidenciam consequências e implicações dos acontecimentos. Ou seja, nesse tipo de prática profissional, o repórter deve apresentar e relacionar tudo que apura quando a informação não fica evidente, apresentando o ponto de vista com o devido cuidado.

Sabemos que as grandes mudanças provocam sucessivas alterações nas características – ou no DNA do jornalismo e isso não se dá sem conflitos e tensões. Seja qualificado como jornalismo on-line, digital, ciber ou e-jornalismo, ou mesmo acompanhando as causas dos cidadãos no jornalismo cívico ou comunitário, o que nos importa é delimitar as fronteiras dessa atividade praticada, por jornalistas, com recursos multiplataforma, no ambiente das redes de alta velocidade.

O formato de ciberjornalismo atualmente assumiu um papel muito importante na sociedade. Hoje, ocorre a reprodução de notícias em grande escala e um tempo mínimo, sendo que tudo se deve ao fato de o jornalismo digital ter todos os elementos no ciberespaço. Pode agregar texto, vídeo, usos das redes sociais como ferramenta de trabalho para propagar as notícias em maior número. Tudo dentro de uma única ferramenta ou aplicativo digital, como o *notebook* ou sites noticiosos.

Por exemplo, para que o internauta consuma mais de uma notícia em uma mesma aba ou ferramenta, não precisa ler várias páginas como em décadas passadas. Um simples clique traz as mesmas informações, só que de forma rápida e interativa. O vídeo que o telespectador acessa, ou o áudio e, por exemplo, a produção do que escuta, conjugados com fotos e infográficos animados dentro da mesma reportagem são recursos midiáticos permitidos pela era digital, em que o jornalismo online está inserido, e o define como multimídia. "Esta estrutura narrativa exige uma maior concentração do utilizador da notícia, mas esse é precisamente o objetivo do webjornalismo: um jornalismo

participando por via da interação entre receptor e emissor” (CANAVILHAS, 1999, p. 4)

A multimídia se destaca, portanto, pela forma como explora as possibilidades no contexto do cenário digital. Assim, com uma produção jornalística inserida, abrimos espaços para as grandes reportagens, com narrativa de edição e construção elaboradas, no formato conhecido como *longform*. Medeiros (2020, p. 23), explica a relação do leitor com esse gênero:

Nas telas mutáveis, os leitores, como mágicos, tateiam as grandes reportagens em um regime de leitura muito diferente da narrativa impressa. São as transformações motivadas pela cultura visual vigente, capitaneada por tecnologias, mas sobretudo testemunham as transformações da comunicação humana. Hoje temos um jornalismo visual em ascensão porque a sociedade diversificou suas formas de expressão.

Segundo Ítalo e Ventura (2018), por sua vez, o termo “a reportagem multimídia”, considera a multimídia e a interatividade das principais características do formato online. Todas essas ponderações foram levadas em conta para organizar de melhor maneira as histórias coletadas para os perfis jornalísticos, de forma que a sua apresentação contribuísse para fortalecer os depoimentos das mulheres esportistas.

4. BASTIDORES DA PRODUÇÃO

A reportagem *longform* “Força, superação, renúncia: Mulheres maranhenses que se destacam nos esportes” é um especial importante, pois, além de dar voz para essas esportistas, traz pontos muitas vezes deixados de lado pela cobertura jornalística tradicional. Nas entrevistas para os perfis surgiram temas cruciais, como a falta de investimento em diferentes modalidades femininas, os preconceitos enfrentados no cotidiano e a renúncia para conquistar espaços que são de direito de cada mulher. Além dos tabus em relação ao estereótipo do feminino, as dificuldades de migrar para os estados ou fora do país, o talento colocado em questão a todo momento e as frases misóginas, infelizmente ainda enraizadas na sociedade.

A ideia inicial era produzir um livro-reportagem, mas o tempo se mostrou curto. Então o orientador deste trabalho, o professor Alexandre Maciel, sugeriu que fosse elaborada uma grande reportagem em formato de especial de internet, bastante focada nos perfis humanizados. Achei uma boa solução, pois poderia criar mais e humanizar bem cada personagem durante a construção do especial. Passei, então, a pesquisar mais a fundo sobre o tema, para definir quais seriam as personagens.

Durante as pesquisas no Google, redes sociais e mesmo escolas e federações ligadas a cada modalidade, percebi que no Maranhão as mulheres têm cada vez mais adentrando ao mundo esportivo. A comoção da medalha de prata da skatista Rayssa Leal, nas Olimpíadas, fortaleceu essa impressão. Decidi, portanto, abordar a vida de mulheres esportistas que atuam em modalidades diferentes para revelar realidades específicas.

Já acompanhava Iziane Castro e Ana Paula, ambas maranhenses e da Seleção Brasileira e percebi que poderia ouvir as suas histórias como referências de experiência e trajetórias de sucesso. Utilizando as redes sociais, sem a mediação de assessores de imprensa, me apresentei, disse qual era o meu objetivo e perguntei se cada uma tinha interesse em participar, mas nenhuma delas respondeu em um primeiro momento. Todos os dias mandava novas mensagens, até que comecei a procurar outros meios que pudessem me auxiliar a entrar em contato com elas, o que é sempre uma etapa difícil.

Ao conversar com a colega do grupo Jornalismo de Fôlego, Isabelle Gesualdo, perguntei se, por ela morar em São Luís, não conseguiria o contato ou falar com alguém para ajudar. Ela passou o telefone do André, um jornalista da TV Mirante de São Luís e mandei mensagem, me apresentando e explicando o que eu queria. Ele se mostrou receptivo, e me ajudou, já informando o contato do Thiago Amorim, outro jornalista de São Luís, que tinha contato direto com o mundo esportivo. Novamente me apresentei, expliquei a situação e perguntei se tinha interesse em ajudar. Ele repassou imediatamente o contato do esposo de Ana Paula, e disse que seria bom ligar para o pai da Rayssa Leal, pois era muito difícil que ele respondesse no WhatsApp.

Mandei mensagem para o esposo da Ana Paula, Haroldo, e tivemos uma conversa importante, pois ele é o principal auxiliar na carreira da esposa. Em seguida, ele me passou o contato do seu assessor de imprensa, para quem me apresentei e expliquei o que queria. Finalmente cheguei, após todo esse caminho, ao telefone de Ana Paula.

Respeitando a agenda esportista, que é atribulada, mandava as perguntas por WhatsApp, ou e-mail e ela respondia. Não chegamos a ter um contato direto pelo fato de a atleta estar morando na Romênia e participando de competições pelo seu clube, mas ela respondeu com atenção e sinceridade a todas as perguntas.

No caso da ex-jogadora de basquete, Iziane Castro, consegui o seu contato pessoal, me comuniquei no privado e fiz mais uma apresentação. Pelo fato de ser gestora atualmente e viajar muito a trabalho, ela preferiu que nossas entrevistas fossem via Google Meet. Então preparei as perguntas, abri uma reunião e a primeira entrevista durou 45 minutos. Quando terminei o segundo encontro virtual, com tempo semelhante, vivenciei uma sensação de alívio por ter conseguido entrevistar uma esportista de renome.

Se mostrando simpática, Iziane Castro respondeu a todas as perguntas e ainda acrescentou mais informações que achava de interesse pautar. As trocas com essas duas primeiras entrevistadas foram especiais, pois ambas são nomes importantes do cenário brasileiro e mundialmente conhecidas nas modalidades em que atuam. Também foram conversas essenciais para demonstrar como as carreiras delas foram marcadas pelo enfrentamento às

visões machistas, um dos pontos que unificou as respostas.

Depois que finalizei essas entrevistas, percebi que o tema escolhido já era um sucesso, e que nem mesmo o fato de não conseguir entrevistar a Fadinha, ia fazer com que desistisse. Como duas modalidades já estavam contempladas, handebol e basquete, decidi que os próximos passos seriam entrevistar uma jogadora de futebol maranhense que estivesse iniciando e alguém que atuasse na arbitragem, por ser um espaço que vem crescendo bastante para as mulheres no Maranhão e no cenário nacional.

Como a minha irmã jogava com algumas meninas no Projeto Alvorada, em um primeiro momento pensei em encontrar e conversar com duas atletas amadoras de Imperatriz e região. Algumas delas estavam se preparando para participar de uma “peneira”, uma seleção, em outros estados, com auxílio e custeio das próprias famílias. Foi quando me recordei de outra amiga da minha irmã, Janyelle Almeida, que, além de jogar muito bem, conta com o apoio financeiro das irmãs e dos pais, que investem no seu futebol.

Janyelle tem uma história muito interessante para ser contada, mas se mostrou tímida, a princípio, para se expor. Então pedi auxílio para minha irmã para ajudar nessa troca. Em seguida, consegui o contato dela e da irmã e conversamos via WhatsApp. Intercalando perguntas e respostas, com áudios dela, no seu privado, e depois ainda conversando com a irmã de Janyelle, senti que precisava de mais informação. Aproveitei para entrevistar, na busca da complementação das descobertas, um professor da primeira escolinha de futebol que a atleta atuou durante a infância, na categoria de base.

A própria Janyelle repassou o contato do seu primeiro treinador, da base do JV Liberal e conversamos também via WhatsApp. Ele trouxe pontos cruciais sobre o processo de formação da atleta que podem ser conferidos no perfil. O processo com Janyelle serviu para compreender que, muitas vezes, um perfil pode ser complementado pela visão das pessoas que fazem parte da vida da pessoa entrevistada, ampliando a visão jornalística da sua personalidade.

Na entrevista seguinte, me senti mais à vontade por já ter conhecido de vista Adriana Oliveira, assistente de arbitragem, durante os jogos em que ela fora escalada para atuar no município de Governador Edison Lobão. Sempre reparava na atuação de Adriana durante os jogos e tinha curiosidade

em saber como ela conseguia representar as mulheres junto com os demais membros da equipe de arbitragem, todos homens. Mesmo com a apreensão pelo fato de o mundo ainda estar vivendo, em 2021, o auge da pandemia da Covid-19, consegui uma entrevista presencial. Foi um momento doloroso de produção do trabalho, pois amigos, familiares estavam ficando doentes ou isolados e mesmo faleceram.

Mas nem mesmo esse episódio trágico ia me fazer desistir. Entre agosto e novembro de 2021, em tese, a pandemia estava um tanto mais controlada por força da vacinação e já eram registrados índices de recuperação em Imperatriz e no Maranhão como um todo. Conversei com Janyelle por WhatsApp e marcamos um encontro presencial no Imperial Shopping, seguindo todos os protocolos de vigilância sanitária naquele modelo. Elaborei as perguntas e mandei por WhatsApp com antecedência para que a entrevistada pudesse se preparar.

Conversamos, na ocasião, durante meia hora. Ela apresentou pontos importantes para a construção do seu perfil. No segundo momento em diante conversamos apenas por WhatsApp. Perguntei se tinha alguém que pudesse trazer mais sobre a história dela, que tivesse acompanhado a sua carreira. Ela sugeriu que entrevistasse seu técnico, que a conhecia desde o começo. Me apresentei e conversamos mais sobre a entrevistada, mais uma vez agregando outras vozes para complementar o perfil.

Para dar continuidade às entrevistas para os perfis tive uma dificuldade enorme. Queria entrevistar Rayssa Leal e, por ser conterrânea, imaginei que conseguiria com facilidade. Porém, havia me esquecido que, mesmo ainda adolescente, ela já tinha virado uma estrela e seria difícil, após a visibilidade das Olimpíadas, encontrar um espaço em sua tumultuada agenda. Tentei de todas as formas possíveis: enviei mensagem no seu *direct* e também para os privados do pai e da mãe, mas sem sucesso nas respostas iniciais.

Em conversa recente com o professor orientador, expliquei que tinha tentado, sem êxito e que lamentava muito, pois essa entrevista com a skatista campeã de Imperatriz seria importante para fechar os perfis. Depois da reunião com o professor, mandei mensagem mais uma vez no *direct* à mãe dela, e ela simplesmente me respondeu na hora. Fiquei eufórica e animada.

A mãe foi muito receptiva, me apresentei e ela respondeu que poderia

ajudar. Mas ponderou que, como Rayssa Leal estava passando uma temporada nos Estados Unidos para treinar e participar das competições internacionais, não teria como elas serem entrevistadas naquele momento, nem mesmo pelo Google Meet.

Confesso que fiquei desanimada e conversei novamente com o professor Alexandre Maciel. Ele já tinha sugerido tentar falar com atletas de jiu-jitsu ou lutadoras de boxe, e resolvi partir para este outro caminho. A partir de buscas no Google e Instagram, encontrei uma reportagem que falava da lutadora de Ana Raquel, mais conhecida como Pikachu, também campeã, no jiu-jitsu. Achei a história o casamento perfeito para finalizar meu material e concluir os perfis.

Pesquisei no Instagram da atleta e enviei mensagem no *direct*. Ana respondeu rápido, informando o seu contato pessoal, e a entrevista pode ser realizada. A experiência foi importante, pois, assim como a das outras atletas entrevistadas, a história de Pikachu, é emocionante, cheia de lances de luta, amor, resistência e renúncia para ser uma atleta de sucesso do jiu-jitsu, outra modalidade bem masculina.

Para preparar o texto de abertura do especial, conversei com duas fontes oficiais que atuam, respectivamente, na Federação Maranhense de Handebol e arbitragem para trazer dados, informações complementares e opiniões referentes aos esportes listados ao longo do especial. Acredito que este trabalho, além de dar vozes para essas mulheres, apresenta um lado mais humano, uma forma também de mostrar minha paixão pelo jornalismo esportivo em todas as modalidades, já que antes se limitava ao futebol e ao Flamengo, em particular.

Durante a faculdade, fui descobrindo uma tendência para a grande reportagem, os perfis mais humanizados, contar um relato dentro de outra história e aprofundar cada luta, vitória, trajetória e modalidade não apenas de um ponto de vista, mas vários. Os perfis também serviram para reforçar que as mulheres estão superando os preconceitos e buscando espaços cada vez mais amplos de atuação.

5- ESTRUTURA DO PRODUTO

A reportagem *longform* “Força, superação, renúncia: Mulheres maranhenses que se destacam nos esportes” foi desenvolvida no domínio <https://maranhensesnoesporte.wixsite.com/mulheres-maranhenses>, criado pela alunas e diagramadoras voluntárias, Valéria Rosa e Máira Soares, pelo site do Wix grátis. É um especial interativo e dinâmico, com *layout* de fácil acesso, que também pode ser feito via *smartphone*. O trabalho conta com aproximadamente 15 fotos de cada perfil das atletas, registros creditados aos acervo pessoais das fontes, infográficos, colagens e capas específicas para cada texto de perfil, que atendem as cinco modalidades esportivas.

As diagramadoras da equipe, que possuem melhor domínio nas ferramentas do Wix, edição e do Canva, montaram a estrutura principal do site, seguindo minhas sugestões e ideias delas também. Em primeiro lugar foram inseridos no *drive*, em separado, os textos, as fotos, os *prints* de modelos de páginas, bonecos e sugestões de desenho básico do *layout*, com a finalidade de se obter uma visão geral do conjunto. O material foi compartilhado com elas para que tivéssemos uma base para começarmos.

Pensamos nas cores, *layout* de cada página, o que combinaria melhor com cada perfil, quais modelos de infográfico ficaria mais atrativo, e o que seria abordado em cada um. Enquanto Maira Soares foi montando o texto e as colagens de cada perfil, Valéria Rosa auxiliou na criação e edição das páginas. Michael Sousa cuidou de todo o trabalho de finalização. Optamos pelo domínio do Wix grátis, abrindo mão das opções premium. As diagramações mais elaboradas foram feitas no Canva, a partir da conta própria de uma das diagramadoras.

Inicialmente a reportagem foi pensada apenas para o site Wix ou Wordpress. Bastava inserir o nome do projeto e o conteúdo já aparecia. Toda a estrutura do especial foi pensada para o leitor acessar de maneira rápida e interativa. De tal forma que, quando abrisse a página, ia mergulhar a fundo no especial, e se entreter e informar melhor com os elementos utilizados.

Ao abrir o site, o leitor já consegue visualizar o tema do *longform*, as personagens da narrativa, que aparecem em fotos destacadas, com suas respectivas modalidades esportivas indicadas por setas que piscam, no topo

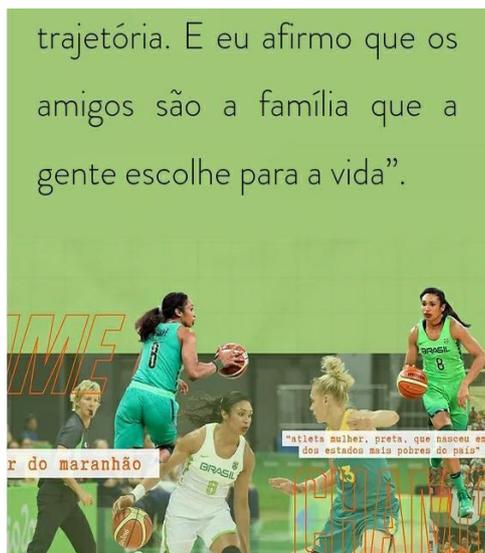
da capa de apresentação. Logo abaixo segue o texto de apresentação, trazendo na introdução o uso das aspas ao destacar uma fala forte. Também está visível um infográfico ilustrativo, em formato de linha do tempo, mostrando a evolução do esporte feminino em épocas diferentes. No infográfico foram usados elementos que remetem ao mundo esportivo e, na composição, foram utilizadas as cores azul, branco, roxo e preto. Em seguida, a diagramação em formato de texto apresenta os dados do COI e das fontes oficiais da Federação Maranhense de diferentes esportes.

O texto de apresentação segue introduzindo de forma mais específica a construção das narrativas destas atletas, e suas histórias no cenário esportivo, apresentando o tema central, além das personagens e seus respectivos esportes. É possível visualizar, nesta altura, cinco elementos em um mesmo formato, com cores distintas indicando as modalidades de cada uma das atletas. O leitor pode clicar em cima de cada um desses elementos que trazem o basquete, handebol, jiu-jitsu, arbitragem e futebol e entrar em páginas específicas, com os perfis detalhados de cada atleta.

Como ilustração, adiciono aqui alguns elementos visuais presentes no site:.



Adriana Oliveira, assistente de arbitragem, aparece em ação na foto da capa do perfil, além de outras imagens do seu acervo pessoal. Ao fundo, as cores amarelo, vermelho e branco e a seta indicando para o texto. No campo superior, o leitor consegue visualizar o nome de cada uma das atletas, e o perfil, esporte e cor padrão escolhido, podendo acessá-los por este caminho. Os cinco perfis foram trabalhados com cores ilustrativas e diferenciadas.



Print da página de Iziane Castro



Print da Página da atleta Pikachu

O objetivo principal do site é mostrar ao leitor como cada uma dessas mulheres representam guerreiras que venceram suas lutas. Os caminhos trilhados por elas são um exemplo de representatividade para outras mulheres, que podem se espelhar na força, talento, renúncia e no protagonismo no esporte feminino e também para além dos campos e quadras. O especial é uma forma de dar vozes a essas atletas, e para outras que seguem lutando não só no esporte, mas em casa, no trabalho e na vida.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido para apresentar a trajetória das mulheres maranhenses que atuam em diferentes modalidades esportivas. A principal conclusão, após o processo de apuração jornalística e de entrevista com as cinco personagens dos perfis, é que o espaço para elas tem crescido consideravelmente. Os dados mostram o quanto o esporte feminino evoluiu da década de 1970 para 2022, e como as mulheres se inseriram de vez nas modalidades, além da maneira como elas deixaram de ser taxadas como “as do lar”.

Embora setores da sociedade o tenham relatado, o preconceito contra as atletas não foi forte o suficiente para “controlar” o protagonismo das mulheres. Apesar de oprimi-las com falas misóginas, questionamentos quanto à profissão, estereótipos, e o papel “socialmente aceitável”, as conquistas esportivas foram consolidando a participação feminina nos esportes.

No entanto, como se percebe pelos depoimentos das entrevistadas, mesmo com o fato de as mulheres estarem conquistando grandes feitos, a luta é diária para se afirmar como uma mulher esportista profissional. Os feitos só se acumulam: o segundo lugar na Olimpíada de Tóquio, da imperatrizense Rayssa Leal, a fadinha do Skate; o ouro da Rebeca Andrade, superando lesões físicas sérias; o talento e amor pelo vôlei das meninas do Brasil; as Bolas de Ouro da jogadora Marta; o protagonismo de Hortência, na década de 1990, e a geração majestosa com Iziane, mais recentemente, no basquete.

Ou então o talento da Nadine Bastos, Adriana Oliveira, Ana Thaís Matos, Renata Fan, a habilidade de Ana Paula do handebol, a genialidade da jogadora Janyele, a vitoriosa Ana Raquel no jiu-jitsu e, tantas outras mulheres que estão dentro e fora de campo dando show nos esportes ao redor do mundo.

A fala dos especialistas das federações, os dados coletados para a reportagem especial, os perfis diagramados, a trajetória profissional e pessoal representada por cada uma delas, indica que, apesar das dificuldades, os espaços podem e devem ser explorados. E, cada conquista, cada choro, cada riso, cada não, cada renúncia, e cada medalha representa o amor de cada mulher pelo esporte.

É importante salientar que, assim como as modalidades femininas têm crescido ao longo dos anos, precisamos reforçar que todas essas conquistas felizmente são frutos dos trabalhos individuais e coletivos das atletas, amigos e familiares. Porém, falta maior apoio e investimento financeiro para as carreiras dessas esportistas. As instituições públicas e privadas devem oferecer capacitação para as atletas, ajudando no custeio das viagens, patrocinando todas as modalidades e premiando o esforço e talento pessoais.

Acrescento ainda que, no campo do jornalismo, também é interessante produzir matérias e grandes reportagens registrando o cotidiano de cada atleta, as preparações para as competições de nível nacional e internacional. Enfatizar, em reportagens, que as dificuldades existem, sim, pelo gênero feminino, mas que as superações mostram o quanto o protagonismo no esporte é contínuo.

No campo dos esportes, as federações e confederações brasileiras e de cada estado devem aplicar políticas que incentivem a maior participação das atletas nas modalidades, além do apoio financeiro, psicológico e social. E ressalto que, assim como as atletas maranhenses que se destacam Brasil afora, pelo talento, garra, força e superação, é necessário criar programas, sites, ou reportagens apresentando melhor essas mulheres protagonistas no Maranhão, mas também destacando as histórias e lutas de tantas outras que são desconhecidas. Dar voz às personalidades já conhecidas, outras que estão iniciando, conversar com os técnicos e familiares para adentrarmos neste universo por meio das experiências e histórias de cada uma delas.

Acredito que produzir todas as etapas deste especial foi muito importante na minha visão de mundo: como mulher, amante do esporte, jornalista e ser humano. Pois a partir desses cinco perfis, percebi o quanto o esporte e o poder feminino seguem linhas encantadoras. É gratificante mergulhar na história de cada atleta, apresentar cada modalidade, ouvir e entender por meio de suas vozes e trajetórias, como, em um cenário tão masculinizado, rompendo as barreiras, superando, renunciando, conquistando, sorrindo, chorando, amando a pátria, orgulhando e se orgulhando, elas superam desafios.

Nossa intenção é que esse *longform* seja fiel à história de cada atleta, focando em suas lutas, superação dos obstáculos, enfrentamento dos

preconceitos dentro e fora de campo e registrando seus percalços para ocupar espaços antes inimagináveis. Realizá-lo foi transformador para mim como repórter e como mulher. No futuro, a intenção é dar continuidade a produções emocionantes como esta, estabelecendo parcerias com empresas de mídia e atletas renomadas e anônimas, respectivamente.

Portanto, concluímos que o esporte feminino mudou a maneira de cada mulher se comportar, lutar, enxergar o mundo, se adentrar e fazer história neste universo. Podemos ser quem quisermos ser, basta correr atrás dos seus sonhos. Que sejamos mais Iziane, Ana Paula, Adriana Oliveira, Pikachu e Janyele.

7. REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. **Mulheres atletas**: re-significações da corporalidade feminina. Revista Estudos Feministas. 11(2), 360-66, 2003, acesso em: psic.bvsalud.org.

CANAVILHAS, J. M. M. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. Portugal, Universidade da Beira Interior, 1999. Apresentação no I Congresso Ibérico de Comunicação.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2004.

FRANZINI, F. **Futebol é coisa de macho?** Pequeno esboço para a história das mulheres no país do futebol. Revista brasileira de História, São Paulo.v.25 n.50, 2005.

FREITAS, H.C.L. **Formação de professores no Brasil**: 10 anos de embate entre projetos de Formação, Educação e Sociedade, Campinas, V.23, n.80, p.136-167, 2002.

GOELLNER, S.; MAZA, J. Z. **Esporte e meios de comunicação de massa**: uma reflexão crítica Kinesis, Santa Maria , V.6, n 1. p. 9-22, 1990.

HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990 acesso em: psic.bvsalud.org.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LIMA, E.P. **Páginas Ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo e literatura. São Paulo: Manole, 2009.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião do jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. **Gêneros e formatos jornalísticos**: um modelo classificatório: Intercom-RBCC: São Paulo, V.39, n.1 P. 39-56. JAN-ABR, 2016 Disponível em https://www.scielo.br/j/intercom/yyxs6kpxhp8d7pRuJU/Rj/DR/format=pdf_larg=p Acesso em 20 de Ago 2021

MEDEIROS. Y. **Jornalismo visual nas narrativas da grande reportagem brasileira**. Tese de doutorado. UFPE, 2020.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web**: uma combinação para o estudo do formato da matéria na escrita hipertextual. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea), Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2003.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnicas de Reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

VENTURA, M.S. A crítica e o campo do jornalismo: ruptura e continuidade. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

VILAS-BOAS, S. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003

_____ **Perfis**: O mundo dos outros: 22 perfis e um ensaio: Barueri (SP): Manole, 2014.

8. ANEXOS

Perguntas para as atletas entrevistadas, fontes oficiais, técnicos e familiares.

FONTE 1: JANYELE ALMEIDA, 17 ANOS, JOGADORA DE FUTEBOL.

- 1- Como iniciou sua trajetória no esporte? Quem a descobriu, e de onde surgiu o desejo de ser jogadora?
- 2- Como sua família descobriu esse dom, e quem te apoiou?
- 3- Ainda na escola você participou de competições escolares, podemos dizer que este foi o pontapé inicial?
- 4- Qual o momento mais marcante da sua infância ao lembrar do futebol?
- 5- Quem foi seu espelho no começo da carreira?
- 6- Qual foi a sua maior fã?
- 7- Qual jogadora é sua base?
- 8- Qual a importância da sua família na sua carreira?
- 9- O futebol ainda é um cenário masculinizado. Isso interfere de alguma forma na sua carreira?
- 10- Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher?
- 11- Qual o seu primeiro clube?
- 12- Quando as pessoas da sua cidade descobrem que hoje você atua no Fortaleza-FC, como elas te vêem?
- 13- Como foi o processo de seleção para seu clube atual?
- 14- Como foi sair de casa sozinha, e morar em outro estado diferente?
- 15- Qual seu maior sonho?
- 16- Tem patrocínios?
- 17- Qual seu maior medo pela sua profissão?
- 18- Conte um episódio marcante em sua trajetória.
- 19- Defina o futebol feminino em sua vida.

20- O que vocês dizem para outras meninas que querem jogar futebol, assim como você?

21- Você pensa em jogar fora do Brasil? E ser convocada pela Seleção Brasileira de Futebol Feminino?

1.1 Gessele Almeida, irmã da atleta Janyele.

1- Como iniciou a trajetória da sua família e da sua irmã no futebol?

2- Como foi a reação da sua família quando ela disse que queria ser jogadora de futebol?

3- Quem a incentivou ?

4- Como é a relação de vocês?

5- Qual o maior desafio da família, ao ver a filha atuar em um esporte tão masculinizado socialmente?

6- Qual a importância do esporte na vida de vocês?

7- Destaque o momento mais importante na carreira da sua irmã.

8- Como vê o cenário do futebol feminino no Maranhão?

9- Tiveram que fazer algum sacrifício para a Janyele ser jogadora?

1.2 Cassyus Kennedy, educador físico, técnico de futebol, e primeiro ex-técnico da Janyele.

1- Como você conheceu a Janyele?

2- Para você, como foi a experiência de treinar uma menina?

3- Como você vê o futebol feminino no Maranhão, e no Brasil?

4- Que tipo de oportunidade a Janyele teve ao passar pelo JV Liberal?

5- Quais as maiores dificuldades de treinar uma mulher?

6- Que sentimento pode definir, ao ver uma atleta em um clube profissional?

7- Falta investimento no futebol feminino?

8- A família é a base central, antes de tudo?

9- Que tipo de ensinamentos você passou para a Janiely, e que servem para outras meninas também?

FONTE 2: ADRIANA OLIVEIRA, 26 ANOS, ASSISTENTE DE ARBITRAGEM

- 1- Conte sua trajetória.
- 2- Como você se destaca no esporte?
- 3- Como é trabalhar em um cenário dominado por homens?
- 4- Cite um episódio constrangedor vivenciado por você pelo fato de ser mulher.
- 5- Você acha que no futebol, o machismo é cada vez maior?
- 6- Existe algum tabu na sua profissão?
- 7- Como vê a representatividade feminina no esporte maranhense?
- 8- Qual sua maior motivação para atuar na arbitragem?
- 9- Sua família a apoiou na escolha da profissão?
- 10- Que dicas você dá para outras mulheres, que querem atuar na arbitragem?
- 11- A sociedade ainda é muito cheia de tabus, na sua opinião?
- 12- Você já sofreu assédio, ou algum tipo de preconceito dentro e fora de campo?
- 13- Qual o momento mais marcante na sua carreira?

FONTE 3: MARCELO BISPO NUNES, ANALISTA DA CBF E PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ARBITRAGEM DO MARANHÃO.

- 1- Como é o cenário feminino de arbitragem no Maranhão?
- 2- Existem mulheres atuando na diretorias? Quantas?
- 3- Qual a importância de as mulheres participarem dos esportes?
- 4- Como as federações desses esportes têm ajudado as futuras atletas?

FONTE 4: IZIANE CASTRO, EX-ATLETA DE BASQUETE, 40 ANOS.

- 1- Como iniciou sua trajetória no esporte?

- 2- Quem te descobriu?
- 3- Qual foi o momento mais marcante da sua carreira?
- 4- Como foi ter saído de casa muito cedo?
- 5- Quais preconceitos você sofreu?
- 6- Como foi a experiência de morar fora do Brasil?
- 7- O estilo de jogo do basquete brasileiro é mais parecido com quais dos países que você morou?
- 8- Em qual time mais gostou de atuar?
- 8- E qual foi o mais difícil?
- 9- Como foi a sensação de ser convocada pela primeira vez para jogar pela Seleção Brasileira de Basquete Feminino?
- 10- Como vê o cenário esportivo para as mulheres?
- 11- O que foi dito para a Iziane no começo da sua carreira?
- 12- Qual a sensação de ouvir a torcida gritando seu nome?
- 13- Como funcionam os patrocínios para uma atleta?
- 14- Que episódio mais te marcou?
- 15- Quem são as suas fontes de inspiração?
- 16- Qual o papel da sua família na sua vida profissional?
- 17- No Maranhão, faltam investimento e apoio nos esportes de modo geral?
- 19- O que você diz para outras mulheres que têm você como espelho?
- 20- Qual seu maior sonho, e sua maior conquista?
- 21- Qual a sensação de participar da Olimpíada, Pan-americano e Mundial pela Seleção?

FONTE 5: Danielle Estéfane de Macedo, 34 anos, analista de Planejamento Estratégico e diretora-administrativa e financeira(FMB-MA).

- 1- Temos mulheres nas diretorias? Se sim, quantas?
- 2-As federações têm números, dados, sobre a participação dessas mulheres no Maranhão e, no Brasil, em cada um dos esportes?

3- Qual a importância de as mulheres participarem desses esportes? Como as federações têm ajudado neste sentido as futuras atletas?

FONTE 6: ANDRESSA RAQUEL, A PIKACHU, 18 ANOS, ATLETA DE JIU-JITSU.

- 1- Como você iniciou a sua vida no jiu-jitsu?
- 2- Quem te descobriu?
- 3- O que foi importante na sua vida ainda na infância?
- 4- O que o jiu-jitsu representa em sua vida?
- 5- Qual o papel da sua família na sua carreira?
- 6- Quais competições você já passou? E o que te marcou?
- 7- Já ganhou alguma medalha expressiva?
- 8- Na sua casa, quem te apoia sempre?
- 9- Qual a origem do apelido Pikachu?
- 10- Como você vê a representatividade feminina no jiu-jitsu?
- 11- Você recebe alguma ajuda financeira?
- 12- Já sofreu algum tipo de preconceito?
- 13- Quais são as maiores dificuldades que você já enfrentou?
- 14- Quais estados já competiu?
- 15- E as maiores conquistas?
- 16- Cite um episódio marcante que você viu na carreira.
- 17- E o salário na sua modalidade?
- 18- Alguma vez pensou em desistir?
- 19- Você vive apenas do esporte?
- 20- Como foi para você descobrir que engravidou cedo? E sua família a apoiou?
- 21- Qual seu maior medo? E o seu maior sonho?

22- O que diria para outras mulheres?

FONTE 7: ANA PAULA, 34 ANOS, ATLETA DE HANDEBOL.

1- Conte como iniciou sua trajetória no esporte.

2- Quem te descobriu?

3- Como foi a experiência ao sair de casa ainda muito nova?

4- Defina a importância da sua família.

5- Já sofreu algum tipo de preconceito?

6- Como é morar no exterior e viver em uma cultura tão diferente?

7- Qual a sensação ao vestir a camisa da Seleção Brasileira de Handebol pela primeira vez?

8- O seu esposo é sua base ao lembrar da saudade de casa?

9- Como você vê o seu papel como atleta, mulher, negra e mundialmente conhecida?

10- Falta investimento no handebol, e demais esportes?

11- Na sua opinião, hoje as mulheres estão sendo protagonistas no cenário esportivo?

12- Qual episódio mais marcou sua carreira?

13- Qual o mais difícil?

14- Como é atuar em uma Olimpíada?

15- Que país mais te marcou, enquanto atuou?

16- O que você diria para a Ana Paula de agora?

17- Quais conselhos você daria para outras atletas?